

## Entrevista Manuel Brandão Alves, presidente da ANDC

# Há cada vez mais licenciados a recorrer ao microcrédito

No final do ano, a Associação Nacional de Direito ao Crédito espera uma subida de 11% no número de projectos financiados, invertendo a tendência de queda

Ana Rute Silva e Luís Villalobos

● No ano passado o número de projectos financiados através de microcrédito e apoiados pela Associação Nacional de Direito ao Crédito (ANDC) desceu 33% face a 2009. Mas Manuel Brandão Alves, presidente desta organização sem fins lucrativos e professor catedrático aposentado do Instituto Superior de Economia e Gestão, garante que em 2011 haverá uma inversão da tendência e espera chegar a Dezembro com 170 negócios creditados. A maior parte dos microempresários tem o ensino secundário, mas há cada vez mais licenciados a recorrer a este financiamento.

**O microcrédito concedido com o apoio da ANDC desceu 5% entre Janeiro e Agosto deste ano face ao mesmo período de 2010. A que se deve esta diminuição?**

São vários factores. O microcrédito pode ser encarado sob dois pontos de vista pelos potenciais interessados. Por um lado, [o empreendedor] pode estar numa situação de precariedade e precisa de arranjar uma forma de superar as dificuldades. É uma pessoa que tem iniciativa, competências, mas não tem acesso ao crédito normal. Face ao contexto de crise, vê que à sua volta as empresas encerram e prefere adiar. Por outro lado, há quem tenha outro raciocínio e entenda que esta é a altura certa para lançar uma ideia e investir num nicho de mercado. Esta situação de crise em que vivemos poderá eventualmente fazer pesar mais o primeiro caso. É verdade que, analisando as estatísticas de dois ou três anos atrás, a tendência era de decréscimo. Mas a nossa convicção é de que estamos a conseguir dar a volta.

**O abrandamento na concessão de empréstimos da banca não explica a descida?**

Não temos problemas, desse ponto de vista. Pode haver problemas relacionados com avaliações de risco, agora mais ponderadas. Diz que os projectos estão a dar a volta a esta tendência decrescente, mas os dados não parecem demonstrar essa realidade...

Estão a comparar períodos

homólogos de Janeiro a Agosto de 2010. Mas se analisarmos os últimos meses do ano passado a curva que já era descendente manteve a mesma tendência. Comparando os dados de 2010 com os de 2011, verifica-se uma inversão dessa tendência.

**Porquê esta inversão? Há menos pessoas com medo de arriscar, apesar da crise?**

A informação em economia não é transparente. E a que chega ao mercado pode ser mais ou menos clara, mais ou menos abrangente. É importante o apoio que as pessoas têm das organizações de solidariedade social, que as alertam [para a existência do microcrédito]. Antes talvez estivessem menos empenhadas em fornecer esses alertas. Além disso, desde o início do ano que existe uma nova direcção da ANDC que entendeu proceder a uma profunda reestruturação interna, o que também tem impacto. Os nossos técnicos passam mais de metade do tempo fora da associação a fazer contactos, divulgação e acompanhamento dos negócios já existentes.

**A expectativa é aumentar o número de projectos creditados este ano?**

Pelo menos, que sejam superiores ao ano passado. Em 2008 fizemos 250 projectos. Ficáramos satisfeitos que os 91 que fizemos até Agosto aumentassem para 170 no final do ano [mais 11% do que em 2010]. Chega para o microcrédito? Não chega, nem nunca chegará. Em Portugal devia ser possível estar a fazer mais de 1500 projectos por ano.

**Quantos estão a ser feitos no total?**

Não sei. Conheço o microcrédito do BCP, que tem feito um bom trabalho, embora seja uma linha diferente da nossa. Dirige-se a um público com maiores capacidades financeiras. Têm um tecto de 15 ou 20 mil euros e o nosso vai até 12.500 euros. Muito dinheiro não é necessariamente bom para o tipo de negócios que procuramos implementar. Muito dinheiro, em vez de facilitar, pode até estragar. Nós não temos balcões porque consideramos de extrema relevância sermos nós a ir ter com

## Criação de emprego

Sector do comércio é o mais escolhido

Um mecânico que sempre teve o sonho de ter uma loja e oficina de bicicletas, uma beneficiária do rendimento social de inserção que criou um negócio de venda ambulante de peixe. Desde 1999, a ANDC já apoiou 1521 pequenos negócios e o crédito concedido a microempresários totalizou 8,3 milhões de euros. No total foram criados 1917 postos de trabalho. O capital médio emprestado tem vindo a aumentar: entre Janeiro e Agosto deste ano foi de 7482 euros.

De acordo com dados da ANDC, o número de projectos tem vindo a diminuir desde 2009, de 228 para 153 em 2010. Este ano, nos primeiros oito meses deste ano, 87 negócios conseguiram financiamento. Os microempresários, a maioria mulheres (52,5%), criaram 125 postos de trabalho só em 2011, sobretudo no distrito de Lisboa. A maioria tem entre os 25 e os 35 anos, o ensino secundário e nacionalidade portuguesa. Ainda assim, há 12,3 por cento de licenciados. É no comércio que 37,5% dos empreendedores preferem montar negócio.

Fundada em 1998, a ANDC tem protocolos com o BCP, CGD e BES.

os candidatos.

**Deslocam-se ao terreno para falar com os empreendedores?**

Sim. São pessoas na exclusão ou na franja da exclusão e sempre foram mal recebidas pelo sistema bancário. São clientes que não interessam. Quando alguém se dispõe a ir ter com elas, com tempo para as ouvir, isso dá-lhes autoconfiança. Por outro lado, ao conseguirem criar negócios com sucesso, tornam-se pessoas mais baratas para a sociedade.

**Por que deixam de beneficiar de apoios sociais?**

Depois do arranque do negócio prescindem dos esquemas de subsídio. Além disso, passam a pagar impostos, descontam para a



Segurança Social. Cria-se também um efeito de difusão que se gera à volta do empresário: é o exemplo de alguém que conseguiu dar a volta.

**O vosso financiamento depende das quotizações, donativos e de um apoio do IEFP. Com os cortes do Estado, teme uma diminuição deste apoio?**

Neste momento, não. Estamos convictos de que isso não vai acontecer e que o IEFP saberá que os custos que suportará indirectamente por outras vias serão superiores.

**O perfil das pessoas que recorrem ao microcrédito tem mudado?**

Não, mas tem-se vindo a verificar que há cada vez mais pessoas

com formação superior. Hoje cada vez mais temos arquitectos, engenheiros, juristas. Já intermediámos negócios de montagem de ateliês ou de escritórios de advocacia. Para começar, o montante financiado tem chegado. Ao mesmo tempo, há casos de pessoas que abrem negócios fora da sua formação. Fazem cursos de Psicologia, ou Antropologia Social, por exemplo, e depois de um ou dois anos [sem emprego], estão dispostos para encarar outro modo de vida. Estamos cada vez mais convictos de que o microcrédito para este público é tão necessário como para qualquer outro. Está a dizer que pessoas com

## A abrir Antecipação da semana

### Níveis de incerteza mantêm-se elevados

#### Pré-abertura

Tiago Lavrador

● Após uma semana marcada por um claro agravamento dos níveis de aversão ao risco e dos receios em torno da evolução da economia global e das principais economias mundiais, a semana que hoje tem início será rica em informação macroeconómica, devendo continuar dominada por todos os desenvolvimentos respeitantes à crise da dívida soberana na Zona Euro, especialmente em relação à Grécia. Assim, é de destacar a discussão e votação nos Parlamentos finlandês e alemão das alterações ao Fundo Europeu de Estabilização Financeira (FEFF) decididas na Cimeira de 21 de Julho, previstas para quarta e quinta-feira, respectivamente. A aprovação daquelas medidas pelos dezassete Estados-membros da Zona Euro é necessária para conferir maior flexibilidade ao FEFF, permitindo-lhe, nomeadamente, adquirir títulos de dívida soberana em mercado secundário e financiar a recapitalização de instituições financeiras. Daí a importância da referida discussão e votação nos Parlamentos finlandês e alemão, esta semana, devendo o processo de ratificação a nível nacional prosseguir ao longo das próximas semanas, o que poderá contribuir para manter elevados os níveis de incerteza e aversão ao risco. Também as negociações entre o Governo grego e a *troika* (FMI, UE e BCE) deverão prosseguir esta semana, tendo em vista a disponibilização, no mês de Outubro, da sexta *tranche* do primeiro programa de assistência financeira, após

o anúncio de um novo conjunto de medidas pelo Governo grego visando atingir os objetivos orçamentais definidos. No plano dos indicadores económicos a publicar esta semana, destaque-se a divulgação do importante índice IFO de confiança empresarial na Alemanha (já esta segunda-feira) e dos diversos indicadores de confiança apurados pela Comissão Europeia (na sexta), que poderão prosseguir a trajetória descendente dos últimos meses, sugerindo uma estagnação da actividade na parte final do ano. Os índices PMI referentes a Setembro, conhecidos na passada semana, apontam mesmo para a possibilidade de uma ligeira contracção da actividade na Zona Euro, tanto na indústria como nos serviços, o que poderia vir a justificar, se tal vier a ser corroborado por mais dados entretanto conhecidos, uma redução da taxa de juro de referência (do actual nível de 1,5%) por parte do BCE numa das próximas reuniões da instituição, que poderá também vir a anunciar novas operações de cedência de liquidez (possivelmente reintroduzindo as operações a 12 meses nos montantes que forem solicitados pelos bancos), para garantir a liquidez necessária ao sistema bancário.

Para a economia norte-americana, destaque-se a divulgação das vendas de novos habitações em Agosto (segunda-feira), da confiança dos consumidores relativa a Setembro (terça-feira) e das encomendas de bens duradouros em Agosto (quarta-feira). Todos estes dados, respeitantes já ao 3.º trimestre, ganham particular relevância após o comunicado da

Reserva Federal norte-americana da reunião da passada semana ter citado a existência de riscos significativos à actividade, que incluem as tensões verificadas nos mercados financeiros globais. Naquela reunião, a Fed anunciou a implementação da chamada *Operação Twist*, através da qual adquirirá 400 mil milhões de dólares de dívida pública norte-americana com maturidades mais longas (de seis a 30 anos), vendendo títulos de maturidades mais curtas (inferior a três anos) no mesmo montante, visando pressionar em baixa os juros de mercado nos prazos mais longos, mas sem expandir o balanço da autoridade monetária. O impacto desta medida sobre o crescimento é, no entanto, incerto, uma vez que os juros de longo prazo se encontravam já a níveis muito baixos, o que, por si só, não tem levado a uma aceleração sustentada do crescimento, embora a natureza fortemente expansionista da política da Fed possa ter evitado uma deterioração mais acentuada da actividade económica. Apesar de a Fed se ter manifestado pronta a tomar novas medidas se tal se justificar, o reconhecimento dos riscos significativos que se colocam ao crescimento acabou por conduzir a um claro aumento da aversão ao risco, ilustrando que o maior problema actual reside não na falta de liquidez mas na falta de confiança dos agentes económicos, que impede a liquidez de circular. Neste contexto, as atenções deverão manter-se centradas na Zona Euro, onde uma verdadeira solução para a crise da dívida soberana exige medidas ambiciosas e abrangentes. *ES Research - BES*

formação superior que estudaram durante 12 anos não têm acesso à banca normal. Corre-se o risco de exclusão?

Claro. Não é só o risco. Está a verificar-se. Podíamos analisar as opções que tomaram, os cursos e as universidades que escolheram. Para muitas famílias ter o filho na universidade é uma honra. Antes era emprego garantido e esse mito ainda existe muito. Os pais ainda condicionam os filhos e querem que frequentem a universidade, encaram-na como oportunidade de promoção.

**A ANDC tem tido um papel importante no combate à exclusão de jovens licenciados?**

Não. Estamos agora a começar a despertar para essa nova dimensão para as famílias dar o curso superior aos filhos. Não era um público-alvo. Acontecia, mas não era. Sabemos cada vez mais que foi um grande esforço para as famílias dar o curso superior aos filhos. Têm a expectativa de que, depois da licenciatura, eles se vão desenrascar. Os pais ou não têm, ou não querem ter, disponibilidade financeira para continuar a financiar os filhos. Também acontece os próprios filhos não quererem continuar a estar dependentes da ajuda da família. Desde 1999 e até Agosto deste ano, cerca de 31% dos negócios criados encerraram. Quais são as principais causas?

Tem a ver com dificuldades de mercado. Os clientes começam a falhar e as pessoas têm dificuldade em realizar o reembolso das suas prestações. Há outras causas que também têm a ver, por exemplo, com questões de doença. Mas os encerramentos também têm uma explicação positiva. Há casos em que a forma jurídica adoptada inicialmente já não é capaz para suportar a dinâmica do negócio. Qual é o peso desses casos no total da taxa de mortalidade das empresas?

Entre 5 e 7%, dos 31%. Em 2008 e 2009, a percentagem [de insucesso] rondou os 18%. Estamos a falar de empresas criadas com recurso ao microcrédito. Em geral, a taxa de mortalidade dos negócios em Portugal é de 66,7%. Dois terços das empresas fecham. E não é só em Portugal, é em toda a Europa.

**Ao mesmo tempo, a taxa de sucesso dos negócios financiados com microcrédito é de 68,84%. Podemos dizer que o microcrédito ainda está a contribuir para que a taxa de mortalidade das empresas portuguesas não seja mais elevada. É preciso também confrontar este indicador com a taxa de insolvência. Não é pelo facto de a empresa encerrar que as pessoas deixam de pagar. A taxa de insolvência deve rondar os 13 a 15% e era de 8% há dois ou três anos. Conclui-se que, apesar disso, vale a pena. Se não houvesse esta dinâmica, o custo para a sociedade seria maior.**

**O que é preciso para chegar aos 1500 projectos anuais que deseja? É preciso que a sociedade civil seja muito mais mobilizada.**

*“Estamos cada vez mais convictos de que o microcrédito para este público [com formação superior] é tão necessário como para qualquer outro”*

#### Agenda

##### Hoje, 26

• INE divulga as Taxas de Juro Implícitas no Crédito à Habitação relativas a Agosto.

##### Terça, 27

• O presidente do Eurogrupo, Jean-Claude Juncker, responde a questões dos eurodeputados sobre a crise na zona euro.  
• O BCE divulga os dados de oferta de moeda na zona euro em Agosto.  
• A ASFAC - Associação de Instituições de Crédito Especializado organiza a I Conferência Nacional de Educação Financeira, na Reitoria da Universidade Nova de Lisboa.

##### Quarta, 28

• Cavaco Silva apadrinha, pelas 10h30, a inauguração das novas unidades da Galp incluídas no

projecto de reconfiguração da refinaria de Matosinhos.

• O ministro da Economia, Álvaro Santos Pereira, participa na Conferência Portugal Global, uma iniciativa do *Jornal de Negócios* e do BES dedicada ao tema *Empresas Exportadoras*. Das 9h às 12h30, no Sheraton, em Lisboa.  
• O governador do Banco de Portugal, Carlos Costa, vai ao Parlamento, pelas 10h, para uma audição na Comissão de Orçamento e Finanças.

##### Quinta, 29

• O Parlamento alemão deve aprovar o pacote de ajuda à Grécia.  
• O INE divulga os Inquéritos de Conjuntura às Empresas e aos Consumidores de Setembro e o Procedimento dos Défices Excessivos.

• A AEP - Associação Empresarial de Portugal promove o *III Fórum de Internacionalização*. A partir das 9h30, no auditório da AEP, em Leça da Palmeira.

##### Sexta, 30

• O Eurostat divulga a estimativa rápida da inflação da zona euro relativa a Setembro e os dados do desemprego de Agosto.  
• Realiza-se, na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, a partir das 9h, o colóquio *Economia Portuguesa, Uma Economia com Futuro*, promovido pela Rede Economia com Futuro.

##### Sábado, 1

• A CGTP-IN realiza hoje, dia em que comemora o seu 41.º aniversário, manifestações em Lisboa e no Porto.